



Carlos Sezões

Partner da Stanton Chase International

“Pensar Global, Competir Global”

Estamos envolvidos, nos últimos meses, numa discussão bizarra, kafkiana, sobre os caminhos que Portugal deve trilhar para o seu futuro. Por vezes, parece que a escolha é simples e cristalina, bastando optar entre crescimento e austeridade. Quem conheça o funcionamento da economia globalizada e complexa, em que estamos inseridos, sabe que o sucesso de um País, seja ele medido em indicadores económicos, de crescimento, ou mais sociais, de qualidade de vida, depende essencialmente de uma variável: a capacidade de produzir mais e melhor e afetar eficazmente os recursos aí gerados. Como tal, as economias têm de ser produtivas e, no contexto atual, competitivas – isto é, têm de demonstrar que a opção geográfica A (a sua) é melhor que a opção geográfica B para um agente económico aí se instalar: seja uma empresa que quer investir, seja um profissional que quer aí desenvolver a sua carreira, seja um consumidor que aí quer consumir.

Nesta questão, em vez dos discursos redondos que muitas vezes lemos e ouvimos, convém concentrarmos, de modo objetivo, sobre o que é realmente ser competitivo. O Fórum Económico Mundial tem estudado ao longo de muitos anos os *drivers* de produtividade e prosperidade das nações. A competitividade é aqui definida como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país. São elencados 12 pilares que sustentam o conceito: 1) as instituições, 2) as infra-estruturas, 3) o ambiente macroeconómico, 4) a saúde e educação primárias, 5) educação superior e formação, 6) eficiência dos mercados, 7) os mercados de trabalho, 8) os mercados financeiros, 9) a tecnologia disponível, 10) a dimensão dos mercados internos e externos, 11) a sofisticação dos processos de produção e 12) a inovação.

Não valerá a pena entrar em detalhe em todos eles mas talvez perceber como somos avaliados globalmente, e como podemos desenvolver, com mais rapidez e eficácia, os nossos esforços de melhoria.

Portugal está neste momento na posição 49, em 144 países analisados. Como no caso de outras economias do sul Europa, continuamos a sofrer de deterioração da economia, apesar dos progressos na redução dos

défices públicos. O estado do sistema bancário afeta a capacidade de financiamento da economia, os mercados de trabalho são considerados ainda demasiadamente rígidos e existem ainda entropias na livre concorrência e regulação de algumas áreas de serviços (ex. a energia). No campo das instituições, a justiça tem ainda um caminho a percorrer, na senda da simplificação e da celeridade processual. Diversas reformas estruturais foram implementadas recentemente para resolver todos estes pontos fracos. Mas temos de potenciar o aproveitamento dos nossos pontos fortes, ao nível da qualidade das infra-estruturas ou do bom nível de escolaridade da população. E, a partir daqui potencial investimentos para a inovação de modo a transformar a nossa economia e dotá-la de atividades de maior valor acrescentado.

As recentes notícias sobre a evolução das exportações são um bom indício da nossa crescente competitividade. Mostram que estamos a diversificar e a consolidar relações duradouras em vez de negócios apenas pontuais, sem continuidade. Mostra visão estratégica e capacidade de investimento das empresas e a cada vez maior exploração de economias de escala. E mostram novos e bons hábitos como associações de empresas dentro do mesmo sector ou em sectores complementares – de facto, a cooperação é um dos mandamentos fundamentais destes dias.

Este é o caminho: com base nos nossos pilares de competitividade, multiplicarmos, em muitos sectores, as boas estratégias de modernização e de internacionalização, olhando cada vez mais para o mercado global. Fazer o que o calçado, o têxtil, o agro-alimentar, as tecnologias de informação, algum turismo, entre outros, fizeram na última década, com bons resultados e um potencial enorme ainda por explorar. Nestas equações da competitividade estará a receita para um modelo económico sustentável, no Portugal do século XXI!

Carlos Sezões